

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: DIÁLOGOS COM ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

Myllena Camargo Oliveira¹, Angelita Alice Jaeger², Vanessa Juliane da Silva Roth³

1- Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda em Educação Física (UFSM).

myllencamargo22@gmail.com

2- Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Ciências do Movimento Humano

(UFRGS). angelita@ufsm.br

3- Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Gerontologia (UFSM).

vanessajroth@gmail.com

Resumo: Analisamos a percepção dos/as estudantes acerca dos estereótipos de gênero e seus efeitos nas práticas corporais e esportivas, enfatizando a desconstrução dos mesmos de modo a privilegiar aulas de Educação Física equitativas. Colaboraram 63 estudantes de ensino médio de uma escola pública que, após cumprirem os requisitos éticos, participaram de oficinas pedagógicas com vistas a problematizar estereótipos e refletir acerca da Educação Física. Utilizamos uma abordagem mista em uma pesquisa etnográfica, cujas fontes de pesquisa foram um questionário que apresentava afirmações sobre os estereótipos de gênero no esporte e observações participantes registradas em diário de campo produzidas no decorrer das oficinas. Os resultados apontam que a maioria dos estereótipos de gênero nos esportes foram refutados, alguns produziram dúvidas e poucos foram reafirmados pelos/as estudantes. Contudo, os efeitos são observados nas habilidades motoras visto que são apontadas como fatores limitantes da participação de muitas garotas, mas, também, de alguns garotos em aulas de Educação Física. Debates, estratégias de aula e conteúdos podem ser grandes aliados na desconstrução de estereótipos e, nesse caso, o/a professora/a ocupa uma posição central ao promovê-la. Concluímos que problematizar o tema nas aulas de Educação Física é imprescindível para uma educação equitativa.

Palavras-chave: Gênero. Estereótipos. Educação Física. Ensino Médio.

GENDER STEREOTYPES AND PHYSICAL EDUCATION: DIALOGUES WITH HIGH SCHOOL STUDENTS

Abstract: We analyzed the perceptions of students about gender stereotypes and their effects on corporal and sports practices, emphasizing their deconstruction in order to favor equitable physical education classes. The study involved 63 high school students from a public school who, after fulfilling the ethical requirements, participated in pedagogical

workshops aimed at problematizing stereotypes and reflecting on Physical Education. We used a mixed approach in an ethnographic research, whose research sources were a questionnaire that presented statements about gender stereotypes in sports and observations of participants recorded in field diaries produced during the workshops. The results indicate that most gender stereotypes in sports have been refuted, some have produced doubts and few have been reaffirmed by the students. However, the effects are observed in motor skills since they are pointed as limiting factors of the participation of many girls, but also of some boys in classes of Physical Education. Debates, lesson and content strategies can be great allies in the deconstruction of stereotypes, and in this case, the teacher occupies a central position in promoting it. We conclude that problematizing the theme in Physical Education classes is essential for a equitable education.

Keywords: Gender. Stereotypes. Physical Education. High school.

ESTEREOTIPOS DE GÉNERO Y EDUCACIÓN FÍSICA: DIÁLOGOS CON ALUMNADO DE ESCUELA SECUNDARIA

Resumen: Analizamos la percepción de los/as estudiantes acerca de los estereotipos de género y sus efectos en las prácticas corporales y deportivas, enfatizando deconstruirles de modo a privilegiar clases de Educación Física equitativas. Colaboraron 63 estudiantes de escuela secundaria de una escuela pública que, cumplidos los requisitos éticos, participaron de talleres pedagógicos con una mirada hacia la problematización de estereotipos y la reflexión sobre la Educación Física. Utilizamos un abordaje mixto en una investigación etnográfica cuyas fuentes de investigación fueron un cuestionario que presenta afirmaciones acerca de los estereotipos de género en el deporte y observaciones registradas en el diario de campo producidas al transcurso de los talleres. Los hallazgos apuntan que la mayoría de los estereotipos de género en los deportes fueron refutados, algunos produjeron dudas y pocos fueron reaffirmados por los/as estudiantes. Todavía, los efectos son observados en las habilidades motrices haya vista que son apuntadas como factores limitantes de la participación de muchas chicas, así como de muchos chicos en las clases de educación física. Debates, estrategias metodológicas y contenidos pueden ser grandes aliados en la desconstrucción de estereotipos y, en este caso, profesores ocupan una posición central al promoverla. Concluimos que al problematizar el tema en las clases de Educación Física es indispensable para una educación equitativa.

Palabras clave: Género. Estereotipos. Educación Física. Escuela Secundaria.

Considerações iniciais

A escola, a família, os/as amigos/as, a religião, a televisão, a internet, entre outras instâncias sociais e artefatos culturais produzem, reproduzem e atualizam estereótipos de gênero (CRUZ; PALMEIRA, 2009). Mas, também, podem questioná-los, problematizá-los e desconstruí-los. Neste texto, nos interessa focalizar a escola, sobretudo, as aulas de Educação Física e suas conexões com os estereótipos de gênero. Perscrutar esse espaço é relevante em razão da frequente redução dos conteúdos nas aulas de Educação Física ao esporte e, este por

sua vez, é um território fértil em que florescem expectativas, demandas e oportunidades de movimentos diferentes para os meninos e para as meninas, para os garotos e para as garotas. A discrepância na oferta de práticas corporais e esportivas¹, muitas vezes desigual, é efeito dos estereótipos que operam instituindo o que pode e o que não pode um corpo de homem ou um corpo de mulher. E mais, o predomínio do conteúdo esportivo nas aulas de Educação Física escolar desloca para o centro do debate, não sem lutas e disputas, representações de masculinidade e feminilidade que marcam os corpos, os comportamentos, os gestos e os modos de viver (ADELMAN, 2006) dos garotos e das garotas. Tais prescrições enunciam que o esporte é um campo generificado e generificador dos corpos dos/as seus/uas praticantes (SOUSA; ALTMANN, 1999). Nesse cenário, o estereótipo simplifica e reduz as diferentes expressões de feminilidade e masculinidade, exigindo que apenas as referências sejam aceitas e tomadas como possíveis de serem vividas no contexto escolar (ANDRES; JAEGER; GOELLNER, 2015).

A origem do termo estereótipo advém do molde metálico de caracteres utilizado nas tipografias para a impressão mecânica e em série de documentos, jornais, revistas, etc. (LYSARDO-DIAS, 2007). A partir dessa analogia nota-se que a simplificação, a repetição e a fixidez são características centrais do estereótipo, fazendo com que os “tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas” (BACCEGA, 1998, p. 8) sejam tomadas como corretas, verdadeiras e legítimas e tudo o mais não o é. Todavia, a noção de que o estereótipo é um conhecimento que “foi se solidificando ao longo do tempo e, por isso, possa ter se distanciado da “realidade”, fez com que fosse entendido como elemento falseador e pernicioso para as relações sociais”, entendido como algo simplista e desprovido de qualquer fundamento para ser considerado um elemento importante nas relações sociais (LYSARDO-DIAS, 2007, p. 26). Também encontramos apoio na noção de estereótipo produzida a partir da análise de discurso (PÊCHEUX, 2012) e, recuperada aqui em função da sua proposição enunciativa estar sustentada em noções pré-construídas, as quais são produzidas em função de assuntos cujo teor são aceitos pelas pessoas da comunidade. Ou seja, o estereótipo é “um dizer anterior inevitável na elaboração de “novos” dizeres; é uma questão de entendimento prévio que viabilize e garanta uma compreensão mínima entre sujeitos historicamente

¹ Concordamos com Lazarotti Filho et al. (2010) que o termo práticas corporais está em construção conceitual no campo da Educação Física, assim como, compreendemos que o esporte é uma prática corporal. Todavia, decidimos utilizar a expressão práticas corporais e esportivas para visibilizar que o esporte é um dos principais conteúdos da Educação Física escolar brasileira, conforme apontam os estudos de Rosário e Darido (2005) e Pires, Lazzarotti Filho e Lisboa (2012).

instanciados” (LYSARDO-DIAS, 2007, p. 27). Outro aspecto que a autora chama a atenção refere-se ao caráter flexível do estereótipo, uma vez que ele assume novos contornos, se atualiza e se transforma para atender as novas necessidades da sociedade contemporânea.

Assim, recrutamos, também, a noção de gênero como uma categoria útil de análise, como nos ensinou Joan Scott (1995), destacando que gênero acena para as diferenças percebidas entre os sexos e, também, para as relações de poder que instituem tais diferenças. E ainda, importa articular gênero com outros marcadores sociais como raça/etnia, classe, sexualidade, geração, religião, etc. Desde essa perspectiva, entendemos que gênero e estereótipo não são conceitos convergentes, uma vez que, enquanto gênero acolhe diferentes modos de vivenciar as feminilidades e as masculinidades, é plural e implode com a ideia de polarização entre o masculino e o feminino; o estereótipo reduz a masculinidade e a feminilidade aos modelos referentes e em voga na sociedade e na cultura, buscando reproduzir e reforçar determinados modos de ser e de viver.

A partir disso, para entendermos os estereótipos de gênero no âmbito da Educação Física, apontamos que em pesquisa realizada com estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas do interior de São Paulo, foi constatado que a grande maioria dos meninos pratica futebol e a grande maioria das meninas pratica dança e ginástica em horários extraclasse (ALTMANN, 2015). Assim, abordar os estereótipos de gênero nas práticas corporais e esportivas pode ser uma via de acesso, entre outras possíveis, para entender os efeitos dos estereótipos na produção dessas discrepâncias, visto que os mesmos vazam e extrapolam o território escolar e os seus efeitos são percebidos, entre outras coisas, nas escolhas das modalidades esportivas que os/as estudantes praticam fora do horário escolar e, mesmo, nas aulas de Educação Física. Também podem ser rastreados no engajamento de garotas e garotos nos conteúdos das aulas e nas diferentes práticas corporais e esportivas oportunizadas.

Na esteira dessas ideias, problematizamos a temática a partir das seguintes questões: Que percepções manifestam os/as estudantes acerca dos estereótipos de gênero nas práticas corporais e esportivas? Que efeitos os estereótipos produzem nas práticas corporais e esportivas dos/as estudantes? De que maneira é possível desconstruir estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física, visando uma educação equitativa?

O entendimento dessas questões auxiliará a compreender as diferentes possibilidades de vivência das feminilidades e masculinidades emergidas no contexto das práticas corporais

e esportivas, percebendo a diversidade dos gêneros que transgredem aos estereótipos, para que tenham oportunidades igualitárias de aprendizagens dos conteúdos da Educação Física escolar. As discussões em aula acerca das questões de gênero tornam-se necessárias, pois promovem conhecimento para os/as estudantes que passam a olhar suas relações sociais e afetivas de modo mais crítico, percebendo violências e desigualdades, e produzindo resistências para desconstruir os estereótipos de gênero, favorecendo a equidade em instâncias que vão além da escolar. A partir disso, objetivamos analisar a percepção dos/as estudantes de ensino médio acerca dos estereótipos de gênero e seus efeitos nas práticas corporais e esportivas, enfatizando a desconstrução dos mesmos de modo a privilegiar uma Educação Física mais equitativa.

Caminhos metodológicos

A pesquisa utiliza métodos mistos combinando dados oriundos do campo qualitativo e do quantitativo, os quais foram produzidos concomitantemente (CRESWELL, 2010). Além disso, a pesquisa também é de tipo etnográfica², caracterizada pela interação entre a situação pesquisada e o/a pesquisador/a, enfatizando o processo enredado com um trabalho de campo em que há a aproximação com sujeitos, situações, locais e eventos (ANDRÉ, 1995).

A investigação foi desenvolvida em uma escola pública do município de Santa Maria/RS, composta pelos níveis fundamental e médio e afastada do centro da cidade, que atende crianças e adolescentes de bairros próximo a escola. Participaram da pesquisa 63 estudantes, com idades entre 15 e 19 anos. Assim, foram ofertadas oficinas aos/as estudantes de ensino médio em um projeto intitulado *Diálogos que atravessam os corpos, os gêneros e as sexualidades*³. Foram desenvolvidas 9 oficinas, sendo 3 delas produzidas ou adaptadas por um grupo de estudos⁴ e as outras 6 foram adaptadas de um material elaborado e

² Estudos que se referem à educação são de tipo etnográfico, pois visam contemplar o processo educativo, enquanto a etnografia objetiva descrever uma cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados). Além disso, embora os instrumentos sejam os mesmos da etnografia, há uma diferença de perspectiva entre as duas em que, na etnografia exigem requisitos, tais como uma grande inserção do/a investigador/a em campo, a comunicação com culturas e a utilização de grandes categorias sociais para analisar os dados. Nas pesquisas que contemplam as questões educacionais, estes requisitos não se tornam necessários de ser realizados (ANDRÉ, 1995).

³ O projeto foi registrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 89961718.7.0000.5346.

⁴ As oficinas elaboradas pelo grupo de estudos referiram-se aos temas: corpo, gênero e sexualidade.

disponibilizado pela ONU Mulheres⁵. Em razão da extensão dos dados produzidos a partir das atividades realizadas, foi necessário fazer um recorte para este artigo, no qual focalizamos a oficina que problematizou “Estereótipos de gênero e esportes” que agregou três atividades. A primeira foi composta por um questionário sobre a percepção dos/as estudantes em relação aos estereótipos de gênero nos esportes, seguida da problematização dos estereótipos enunciados. A segunda atividade foi adaptada do jogo de basquete misto para o jogo de futsal em razão da familiaridade dos/as estudantes com a referida modalidade. Após houve debate sobre as situações de jogo que envolviam a participação dos garotos e das garotas. E a terceira atividade objetivou a construção de cartazes a serem expostos nos corredores da escola, buscando transmitir a equidade de gênero e a desconstrução de estereótipos na Educação Física e nos esportes.

Esta temática foi trabalhada no decorrer de 3 intervenções de aproximadamente 2 horas cada uma, realizadas com 4 turmas de Ensino Médio, sendo duas referentes ao primeiro ano, as quais foram unidas para a realização das oficinas. Vale ressaltar que todos/as os/as estudantes das 4 turmas foram convidados/as a participar da pesquisa de modo voluntário e compareceram aqueles/as que aceitaram o convite e que apresentaram o Termo de Assentimento assinado pelos/as responsáveis ou consentiram na sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As fontes de pesquisa foram produzidas a partir de um questionário que contem 7 estereótipos de gênero no esporte e 3 possibilidades de resposta: discordo, tenho dúvidas e concordo. O questionário faz parte da oficina desenvolvida nessa pesquisa e foi respondido, de modo individual, no momento proposto pela oficina. Também foram realizadas observações participantes no decorrer das oficinas, as quais foram registradas minuciosamente em um diário de campo (ANGROSINO, 2009), resultando em 61 páginas digitadas.

Para a construção e análise dos resultados utilizamos dois procedimentos distintos, porém complementares. O questionário foi submetido a uma análise de frequência relativa com a utilização do software SPSS, os quais são apresentados em percentuais e trazidos ao

⁵ O material produzido pela ONU Mulheres e financiados pela comunidade Europeia está disponível no link: http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2015/07/valente_aula1_sexo_genero_poder.pdf. A partir de um projeto intitulado “O valente não é violento”, objetivando “estimular a mudança de atitudes e comportamentos dos homens, enfatizando a responsabilidade que devem assumir na eliminação da violência contra as mulheres e meninas”. Esse material possui seis planos de aula que abordam os seguintes temas: sexo, gênero e poder; violências e suas interfaces; estereótipos de gênero e esportes; estereótipos de gênero, raça/etnia e mídia; estereótipos de gênero, carreira e profissões: diferenças e desigualdades; vulnerabilidades e prevenções. Cada plano atende um tema e sugere atividades para problematizar e dialogar com os/as estudantes no contexto escolar.

texto para dialogar com os resultados qualitativos. O diário de campo foi submetido a codificação aberta baseada na técnica da comparação constante, buscando destacar aspectos distintivos acerca do enfoque do tema em escrutínio (GLASER; STRAUSS, 2006). Após leituras exaustivas do material digitado, identificamos e recortamos fragmentos, os quais foram agrupados em função do assunto e suas diferentes percepções e interpretações, resultando em categorias temáticas, nomeadas com códigos referentes ao seu conteúdo. Assim, um conjunto de registros que combinam diferentes passagens observadas em campo, resultou na construção de uma categoria (GIBBS, 2009). Cotejando os resultados oriundos das fontes de pesquisa, a revisão de literatura e a interpretação das pesquisadoras, produziu-se três categorias temáticas, as quais são apresentadas a seguir.

A habilidade motora em questão

Problematizar os estereótipos de gênero no contexto das aulas de Educação Física com os/as estudantes de ensino médio, produziu diferentes desassossegos e movimentou distintas percepções. Entre depoimentos, indagações e contestações as habilidades motoras ocuparam o centro das discussões, efeito da primeira pergunta do questionário, cujo conteúdo trazia a seguinte afirmação: *“a dificuldade de aprendizagem do futebol pelas meninas e mulheres é resultante do nível inferior de desenvolvimento das habilidades requisitadas para a prática desse esporte”*. Os resultados apontam que 84,1% dos/as estudantes discordaram dessa afirmação, enquanto 11,1% demonstraram dúvidas em relação a ela, e ainda, 4,8% concordaram. A habilidade motora refere-se aos movimentos do corpo aprendidos e realizados voluntariamente a fim de atingir um objetivo específico e, no âmbito do esporte, é a perfeição do movimento (GALLAHUE, 2009). Nesse contexto, notamos que os/as estudantes tensionam o estereótipo que hierarquiza as habilidades motoras de meninos e meninas e, sobretudo, secundariza as das meninas e das mulheres. Problematizar o estereótipo possibilita trazer à tona questionamentos sobre as participações de garotos e garotas nas aulas de Educação Física, uma vez que, se há diferenças de habilidades entre os meninos e as meninas, também o há, entre os meninos e entre as meninas. Categorias excludentes, como força e habilidade motora, não se restringem as questões de gênero, pois há garotos classificados como mais fracos e menos habilidosos, enquanto há garotas consideradas mais fortes e habilidosas que se apoderam de uma posição mais ativa nas aulas de Educação Física (SOUSA; ALTMANN, 1999). Assim, gênero não é a categoria central para o engajamento ou

não em aulas, mas a habilidade é um dos fortes fatores de promoção da exclusão tanto para meninos quanto para meninas (CHAN-VIANNA; MOURA; MOURÃO, 2010). A promoção do debate entre os/as estudantes, para entender as diferenças de habilidade entre os/as colegas na modalidade de futebol, resultou no seguinte excerto dos registros de observação:

(...) um garoto respondeu que discorda do estereótipo presente na pergunta, mas acredita que alguns fatores que levam a essa diferença de habilidades, explicou da seguinte forma: “Por exemplo, o guri cresce jogando desde pequeno e a guria não por causa da influência, por exemplo: ah, vai brincar de boneca (...). (DIÁRIO DE CAMPO, 28/08/2017, TURMA 3)

No caso específico do futebol, concordamos que os meninos têm à sua disposição mais espaços e oportunidades de prática do que as meninas. Assim é a cultura em que, de diferentes formas, interfere no nível de habilidades motoras de garotos e garotas, uma vez que a habilidade motora delas é afetada pelas poucas oportunidades de movimento, enquanto os garotos vivenciam-nas desde cedo (SARAIVA, 2005; GOELLNER, 2010).

Outro fator que influencia no escasso desenvolvimento das habilidades motoras das garotas, se relaciona com a afirmação 5 do questionário, que pronuncia o seguinte: “*os meninos gostam de participar de treinos mistos com as meninas, porque é uma forma deles se sentirem superiores*”. Os resultados enunciam que 42,9% dos/as estudantes concordam com a afirmação, enquanto 23,8% têm dúvidas e 33,3% discordam. Destacamos que o fato de um grande número de estudantes afirmarem concordar ou possuírem dúvidas denota que este estereótipo está muito presente nas aulas de Educação Física e, que de certo modo influencia no desenvolvimento das habilidades motoras das garotas, uma vez em que os garotos tentam afirmar uma suposta superioridade masculina nas quadras esportivas. O estudo de Barbosa (2012) aponta que os meninos afirmam sua superioridade por meio da agressividade e deboches direcionados às meninas, causando constrangimentos, medos e inseguranças, fazendo com que elas fossem excluídas das aulas de Educação Física e não desenvolvessem suas habilidades motoras. Assim, os estereótipos de gênero acabam sendo reafirmados e mantidos nas aulas de Educação Física.

Outro estereótipo de gênero que foi lançado aos/as estudantes de ensino médio afirma que “*o futsal é o esporte mais adequado para as meninas porque a quadra é menor e o desgaste físico não é tão violento quanto o futebol. Além disso, no futsal a mulher se adapta mais rapidamente*”. Os resultados apontam que 57,2% dos/as estudantes discordaram dessa afirmação, mas 22,2% concordaram, enquanto 20,6% mostraram dúvidas acerca do enunciado. Essa discussão traz para o centro do debate os discursos que produziram e ainda

são centrais na Educação Física e no esporte, ou seja, entra em cena a ideia de que as diferenças anátomo-fisiológicas determinam o que homens e mulheres podem fazer com os seus corpos. No entanto, destacamos que grande parte dos/as estudantes já não reforça tal afirmação. Se o esporte se constituiu como um “terreno criado e mantido sob o domínio masculino e cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo deveria atestar a superioridade deles [homens] em relação a elas” (GOELLNER, 2004, p. 363), parece não interpelar a maioria dos/as estudantes. Tensionar o referido estereótipo permitiu trazer à tona, novamente, a cultura e o modo como meninos e meninas negociam com normas, valores e comportamentos em voga. Os/As estudantes de ensino médio reconhecem que a habilidade motora é construída, mas destacam que é o interesse que move a aprendizagem e, nesse caso, as meninas têm se mostrado desinteressadas, como aponta o excerto:

As discussões acerca das aulas de Educação Física, sobretudo, na prática do futebol, levaram a refletir que o futebol é o esporte mais praticado pelos meninos, porque ganham bola de futebol na infância. Em contrapartida, as meninas não praticam futebol porque desde pequenas ganham bonecas. Nisso, um garoto manifestou-se dizendo que nunca pegou em uma bola de futebol, outro disse que existem garotas que jogam melhores que garotos. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/08/2017, TURMA 1)

A pesquisadora perguntou porque a maioria das meninas não possuem certas habilidades motoras. As respostas foram porque não possuem interesse, e deram o exemplo das garotas que jogam pela equipe da escola, afirmando que essas jogam melhor que os garotos porque possuem interesse. Entretanto, uma garota manifestou-se da seguinte forma: “Desde pequena a gente cresce ouvindo que futebol é de guri, futsal também. Aí, muita guria, desde pequena, acaba não se interessando que nem os guris. Guri nasce já dão uma bola pra ele brincar. Já a mulher não”. (DIÁRIO DE CAMPO, 26/09/2017, TURMA 3)

Em concordância com a argumentação da estudante, podemos dizer que a designação de objetos e brinquedos oferecidos e designados separadamente desde a infância para os meninos ou para as meninas, produz e alimenta a generificação dos seus corpos, fazendo com que brinquedos, brincadeiras e jogos sejam incorporados ou afastados do repertório de vivências e aprendizagens de um ou da outra, construindo determinados padrões de masculinidade ou feminilidade (WENETZ, 2013). Também, a crença de que os meninos são mais habilidosos que as meninas é uma expectativa que os impele a serem mais ativos nas jogadas, ao mesmo tempo, produz nas meninas a percepção de que elas são incapazes de terem sucesso nas modalidades esportivas (UCHOGA; ALTMANN, 2016).

Na atividade que concluiu a oficina que debateu estereótipos de gênero no esporte foi possível observar diferentes engajamentos de garotos e garotas em um jogo de futsal com

turmas mistas. Observamos que os garotos, em todas as turmas, participam mais da cena esportiva, enquanto as garotas nem tanto, como vemos no fragmento:

Foi possível observar que os garotos possuíam mais habilidades motoras e as garotas menos. Entretanto, havia uma garota que demonstrava possuir mais habilidade tática. Um garoto demonstrou não possuir tanta habilidade motora para a prática do futsal, tinha dificuldades para receber a bola e se deslocar quando preciso. (DIÁRIO DE CAMPO, 26/09/2017, TURMA 3).

Esse excerto lembra que não é possível universalizar as experiências de meninas, como possuindo baixa habilidade motora e, em contraposição, os meninos com ela mais desenvolvida. Tal análise é reducionista e constitui-se em um equívoco, visto que “a concepção fortemente polarizada dos gêneros esconde a pluralidade existente em cada um dos polos” (LOURO, 2014, p. 52). E mais, mostra que os estereótipos criam expectativas desiguais para os garotos e para as garotas.

Na esteira desses resultados e discussões, a habilidade motora apresentou-se como um entendimento presente e aflorado em todas as turmas. Esse apontamento mostrou-se potente para sustentar a exclusão, interligada pela cultura e vivenciada por ambos os gêneros em diferentes momentos, sobretudo, na oficina que promoveu o jogo de futsal. Notamos, ainda, que a habilidade motora é adquirida conforme as diferentes oportunidades que adolescentes experienciam ao longo da vida, sejam na escola ou fora dela. Dessa forma, estudos mais aprofundados se mostram necessários para entender a complexidade que atravessa e constitui as oportunidades de práticas corporais e esportivas e o engajamento dos/as estudantes de ensino médio.

Motivos que afastam as estudantes da prática esportiva

Durante a produção das fontes de pesquisa, diferentes posicionamentos e relações emergiram em torno dos motivos que levam as garotas a não participarem dos jogos propostos nas aulas de Educação Física e na atividade da oficina. Para entender tal situação, alguns estereótipos foram chamados ao debate para potencializar a discussão. Partimos da afirmação três do questionário que diz o seguinte: “*As mulheres que praticam esportes têm a musculatura da perna muito desenvolvida, prejudicando seu corpo e sua feminilidade*”. Os resultados indicam que 90,5% dos/as estudantes discordam dessa afirmação, enquanto apenas 3,2% concordam e 6,3% possuem dúvidas. A partir desses números, sublinhamos que o estereótipo presente na questão produz escassas reverberações entre os/as estudantes. Se há duas décadas os músculos eram considerados atributos dos corpos masculinos e marcavam a

masculinidade padrão (DUNNING; MAGUIRE, 2010), hoje tal percepção não encontra o mesmo eco. Situação confirmada pelas garotas dessa investigação, o desenvolvimento muscular não as afasta das práticas esportivas, tendo em vista que o músculo não é mais um atributo desejável apenas nos corpos masculinos. Atualmente, em função da disseminação do fisiculturismo e da potencialização muscular feminina (JAEGER; GOELLNER, 2011), associados ao fenômeno das Musas *Fitness* (VENTURINI, 2016), corpos de mulheres com músculos potencializados tornaram-se objeto de desejo para muitas mulheres, e diante dessa perspectiva o estereótipo que conectava corpos musculosos à perda de feminilidade foi implodido. Importa destacar que a implosão do estereótipo exige que a potencialização muscular não seja considerada excessiva para os padrões de feminilidade normalizados (JAEGER, 2013).

Outra afirmação estereotipada presente no questionário diz que “*As meninas têm menos oportunidades de treinar um esporte, pois não podem frequentar locais considerados perigosos*”. Os resultados apontam valores relativamente aproximados para as três alternativas de repostas, assim: 33,3% concordaram, 20,6% tiveram dúvidas, e 46,1% discordaram. Nos registros do diário de campo, destacamos o seguinte excerto:

(...) um garoto afirmou que os pais têm medo que frequentem lugares mais perigosos, em função de poder sofrer outros tipos de violências etc. Já outro garoto relacionou o fato de que quando uma mulher anda sozinha, os homens costumam assediá-la. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/08/2017, TURMA 3).

Assim, as recomendações para que as meninas não sejam alvo de violências, além das recomendações familiares também passa pela dos professores, que dizem para as garotas não frequentarem lugares perigosos, enquanto os garotos têm a permissão para frequentá-los em razão de estarem acostumados com essa realidade violenta (FREITAS, 2004). Entretanto, tais recomendações não garantem a inviolabilidade dos corpos das garotas. O uso de termos pejorativos e sexuais por parte de colegas quando as meninas adentravam o ginásio e a atitude de professores que nas competições e avaliações da disciplina constrangiam as garotas, ridicularizando-as devido ao tamanho dos seus corpos, foram alguns dos motivos que influenciaram as adolescentes a evadirem das aulas de Educação Física (DAALEN, 2005).

O assédio moral e/ou sexual contra as mulheres tem sido tema dos estudos feministas, do ativismo digital e dos movimentos de mulheres e muito tem se falado nas múltiplas violências de gênero que limitam a vida das mulheres. Desde a infância, elas são submetidas a

um conjunto de regras de conduta que determinam: a adequação de sua vestimenta, seus comportamentos, sua linguagem, seus gestos, o tom de voz, os horários e lugares que podem frequentar, que profissões pode exercer, que esportes pode praticar, etc. Tais prescrições direcionadas às mulheres e associadas a cultura do machismo e da misoginia, posicionam as mesmas como responsáveis sobre a ação de homens que atentam contra sua integridade física e sexual. Assim, a cultura do estupro refere-se ao “conjunto de violências simbólicas que viabilizam a legitimação, a tolerância e o estímulo à violação sexual” (SOUZA, 2017, p. 13).

São diferentes violências que atingem as mulheres e a violência de gênero também foi mencionada nas discussões realizadas nas oficinas. A violência de gênero acontece quando homens utilizam a força física e a ameaça com o objetivo de coagir e humilhar mulheres (PUGA, 2015). Nos resultados da pesquisa, desponta um tipo de violência que retira a potencialidade da garota em solucionar um problema, como apresenta um trecho do diário de campo a seguir:

(...) ao serem questionados/as sobre os tipos de violências que aconteceram (...), uma garota manifestou indignação ao falar o seguinte: “Eu queria ficar no gol e ele falou: não, não fica no gol porque a gente já tá tomando muito gol. Como se eu não soubesse defender, e ele tomou vários gols ali”. (DIÁRIO DE CAMPO, 26/09/2017, TURMA 3)

Esta violência de gênero é compreendida como um episódio de *mansplaining*, termo que denota a explicação orientada à uma mulher, de modo que ela não estivesse conseguindo entender ou realizar uma tarefa estipulada, pelo fato de ser mulher (STOCKER; DALMASO, 2016). Analisando a situação apresentada pela fonte de pesquisa, denota-se que o fato de ser uma garota que estava na posição de goleira, não seria capaz de realizar sua função. E a solução para a situação está no garoto que se posiciona e chama para si a responsabilidade de cessar o número de gols, desconsiderando a colega, simplesmente pelo fato de ela ser mulher.

As análises das fontes de pesquisa ainda apontam que os/as estudantes muitas vezes são alvo e praticantes de violência, como aponta o trecho do diário de campo:

A pesquisadora perguntou se houve violências em outros momentos no contexto escolar. Então, os/as estudantes afirmaram que não, mas que nas aulas de Educação Física geralmente acontece a violência moral, devido ao fato de que quando erram, uns xingam os outros ou quando são excluídos por esses erros. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08//2017, TURMA 2)

A violência moral caracteriza-se pela violência interpessoal dos/as estudantes e refere-se às ameaças, brigas, humilhações, xingamentos, exclusão e perseguições sistemáticas (PUPO, 2007). Desse modo, as aulas de Educação Física possuem a presença da violência

moral, na medida em que os/as estudantes xingam uns/mas aos/as outros/as pelos erros decorrentes das práticas esportivas nas próprias aulas, bem como excluem aqueles/as que não possuem habilidades para exercer a prática. Todavia, o/a professor/a é responsável em mediar, problematizar e fomentar o diálogo com os/as estudantes para a resolução de conflitos (ANDRÉS et al., 2014).

As análises possibilitam demarcar aproximações entre violências, esportes e as aulas de Educação Física, visto que estão presentes nas manifestações dos/as estudantes e nas relações interpessoais ou emergem nas práticas corporais e esportivas, que muitas vezes são ocultas, silenciadas e não problematizadas nas aulas de Educação Física. Entendemos que as violências não são prerrogativas a um gênero ou outro, mas sim, emergem do e no jogo esportivo, vazando para outras instâncias sociais.

Outro estereótipo debatido com os/as estudantes fazia a seguinte afirmação: “*Nos jogos, as meninas são mais problemáticas. Elas menstruam e tem cólica. Isso atrapalha a competição*”. Os resultados apontam que 69,9% dos/as estudantes discordaram da afirmação, 20,6% tiveram dúvidas e 9,5% concordaram. Nota-se que a maioria discordou, mas as discussões posteriores mostraram diferentes posicionamentos, como apresentam os excertos do diário de campo:

Algumas meninas afirmaram que a menstruação não atrapalha, e outras afirmaram que é desconfortável. Uma garota afirmou que em dias de competição não é a cólica que atrapalha, mas a ansiedade. Outra garota disse atrapalhar, mas que existem remédios para não menstruar e, conseqüentemente, não ter cólicas. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/08/2017, TURMA 1)

Um garoto afirmou que existem remédios para controlar as cólicas. Uma garota disse ser desconfortável, mas que joga da mesma forma. E, mais uma garota, disse que usa como desculpa para não jogar. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/08/2017, TURMA 3)

No entanto, é comumente que o enfoque dado à menstruação é a partir do ponto de vista biológico, em que acontece uma série de alterações hormonais. Entretanto, por meio da visão socioantropológica, entendemos que reduzir a menstruação às ciências biológicas é um equívoco, pois os comportamentos e atitudes derivados da menstruação são atribuídos a partir de diferentes crenças e costumes construídos em cada cultura (SARDENBERG, 1994). Um estudo realizado por Gaion, Vieira e Silva (2009) com 53 atletas brasileiras de futsal, mostrou que o desempenho esportivo é afetado no período pré-menstrual, tanto por fatores emocionais quanto físicos, mas no grupo controle com 59 atletas que não estavam no período pré-menstrual, também, apresentou impacto no desempenho esportivo, porém, relacionado somente a um fator sendo, para algumas mulheres emocional, e para outras, físico. Assim,

notamos a pluralidade de experiências das garotas com a menstruação, se algumas afirmam que a mesma pode afetar as práticas esportivas, outras dizem não a perceber como um empecilho, enquanto que outras podem utilizá-la para justificar a inapetência para a prática esportiva. Com isso, a menstruação e o modo como ela é percebida depende de cada mulher.

Nas análises dos diários de campo, percebemos que na oficina da prática esportiva, em todas as turmas, as garotas, em grande quantidade, mas não só elas, optaram por não participar do jogo de futsal que foi proposto, como mostram os excertos:

Estavam no ginásio 19 alunos/as. Participaram da prática apenas dez. Oito garotas e um garoto permaneceram na arquibancada, justificando não estarem disposto/as; pelo simples fato de não querer e não gostar de jogar. (DIÁRIO DE CAMPO, 26/09/2017, TURMA 1)

Algumas garotas e um garoto não quiseram participar e ficaram na arquibancada. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08//2017, TURMA 2)

Havia uma garota que alegou estar com uma dor na região cervical e não estava se sentindo bem para participar. Outra garota disse não querer participar porque queria ficar assistindo. Mais outra garota disse estar com cólica menstrual. As 3 permaneceram sentadas na arquibancada. (DIÁRIO DE CAMPO, 26/09/2017, TURMA 3)

A realidade observada em que muitas das garotas escolhem não participar do jogo de futsal e preferem ficar sentadas nas arquibancadas, também foi constatada no estudo de Uchoga (2012) em que as adolescentes não participaram das aulas de Educação Física e ficaram, ao redor da quadra, sentadas em grupos pequenos, conversando ou, até mesmo, usando maquiagens. A autora alerta que isso contribui para a construção de estereótipos de gênero. Portanto, importa problematizar tais situações para identificar os motivos que as estudantes apresentam para deliberadamente não participarem das aulas e o fazem com a anuência do/a professor/a. Assim, buscando entender o afastamento das garotas das práticas corporais e esportivas, indagamos os motivos para o reduzido engajamento em aula e constatamos que diferentes justificativas ancoram tais escolhas. Vejamos:

Em meio as discussões acerca da não participação das garotas, despontam nos debates as experiências nas aulas de Educação Física, onde elas não têm espaço para jogar. Quando jogam, os garotos não passam a bola. (...). Continuaram a falar que geralmente as garotas jogam vôlei ou ficam fazendo nada. Mas, um garoto afirmou que as vezes isso acontece por escolha, no sentido de que elas não jogam porque não querem, e quando jogam não aparecem ativamente para as jogadas, também, por escolha. (...). (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08//2017, TURMA 2)

Essa situação é complexa e exige estudos aprofundados, uma vez que podemos justificá-la a partir de oportunidades de movimento e de práticas corporais e esportivas desiguais para meninos e meninas ainda na infância (ALTMANN, 2015), ou é a ausência de

professores/as que estimulem e desafiem as meninas a romperem com estereótipos de gênero no decorrer das aulas (UCHOGA; ALTMANN, 2016) ou é uma tentativa de apagamento, de existir o menos possível (LE BRETON, 2018) em aula, entre outras tantas explicações que poderiam ser trazidas ao texto para esmiuçar tal situação. De qualquer forma, Jaco (2012) destaca que é preciso analisar além da polarização, a participação ou não participação em aulas de Educação Física e, nesse sentido sugere quatro tipos diferentes de engajamento, são eles: protagonistas, figurantes, flutuantes e excluídos. Todavia, ressalta que as meninas eram as menos presentes em aula. Uchoga (2012) identificou que quando as garotas participam das aulas de Educação Física o fazem ocupando posições secundárias e coadjuvantes. Contudo, desde cedo são direcionadas/os para uma ou outra atividade e comportamentos que influenciam naquilo que irão participar – ou não – mais adiante. Goellner (2005) lembra que, no decorrer da história, quando as mulheres são comparadas aos homens, elas possuem poucas oportunidades em acessar e participar das práticas corporais e esportivas.

Nesta pesquisa constatamos que muitas garotas não participaram e não participam das práticas corporais e esportivas e o fazem em razão de múltiplas particularidades. No entanto, observamos que também houve e há garotos que não participam por diferentes motivos. Dessa forma, sublinhamos que as relações de gênero não se resumem aos estereótipos, que os mesmos vêm sendo questionados e novas possibilidades de existência são ensaiadas no contexto escolar.

Desconstrução de estereótipos e promoção da equidade de gênero

Durante a produção das fontes de pesquisa, emergiram diversas discussões acerca das desconstruções⁶ de estereótipos de gênero, que possibilitaram aos/as estudantes refletirem sobre a necessidade de que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades no âmbito das práticas corporais e esportivas e nas aulas de Educação Física. Sobretudo, buscamos visibilizar a noção de equidade nas aulas, visto que a mesma implica na “capacidade de ajuizar se uma situação particular é justa; implica a consciência de que respeitar apenas um conjunto de leis ou de regras pode não ser suficiente para assegurar a justiça, o respeito pelas características únicas de cada sujeito” (GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 43). Em outras palavras, a equidade na Educação Física exige conhecer, intervir e valorizar as singularidades

⁶ A ideia é problematizar, colocar sob suspeita, questionar os estereótipos de gênero que hierarquizam homens e mulheres nas suas relações com as práticas corporais e esportivas. Tal proposição foi inspirada na noção de desconstrução de Derrida, conforme apresentado por Rodrigues (2015).

de cada estudante presente em aula. Nessa perspectiva, professores/as ocupam posição central nas decisões em relação aos conteúdos, materiais e estratégias utilizadas em aula de modo a desenvolver as habilidades motoras de cada estudante. Na esteira dessas ideias, os/as alunos e alunas de ensino médio apresentaram sugestões para colocar sob questão os estereótipos de gênero no esporte, como apresenta o fragmento:

Falaram que podemos desconstruir estereótipos no esporte a partir de discussões, debates, rodas de conversas, ajudando os/as colegas que têm mais dificuldades nas aulas de Educação Física, entendendo que qualquer esporte é para ambos os gêneros, e até mesmo da forma como a pesquisadora estava propondo, a partir do jogo e das discussões. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/08/2017, TURMA 3)

Nessas configurações, entendemos que o/a professor/a pode buscar estratégias para engajar os/estudantes nas atividades, oportunizando chances equitativas de aprendizagem para os garotos e para as garotas. Além disso, a co-educação⁷ torna-se uma possibilidade, visto que proporciona trocas de experiências, em que os/as estudantes que possuem mais habilidades motoras contribuem para o aprendizado daqueles/as que as possuem em menores níveis (TEIXEIRA, 2009). Também, é por meio da co-educação, a qual objetiva cessar as desigualdades ao mesmo tempo que valoriza as diferenças individuais, que se estabelece a equidade no contexto educativo (GOMES; SILVA; QUEIRÓZ, 2000). No fragmento a seguir notamos o envolvimento dos garotos nas discussões:

Quando a pesquisadora questionou o que poderia ser feito para desconstruir estereótipos, afirmaram que jogos mistos como o que foi realizado na oficina pode ser uma possibilidade. É interessante que os garotos participaram do debate de forma ativa e se sensibilizaram pelos estereótipos de gênero impostos às garotas. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08//2017, TURMA 2)

Assim, notamos que trazer à tona os estereótipos e suspeitar dos seus enunciados, possibilita questionar as relações desiguais vividas tanto nas aulas de Educação Física, quanto nas diferentes instâncias sociais. Ao mesmo tempo e além do debate, oportunizar os jogos mistos foi uma decisão central para possibilitar a discussão entre os/as estudantes acerca das singularidades e desafios da prática que surgiram no decorrer da atividade. Desde essa perspectiva, torna-se possível desconstruir as noções estereotipadas entre o masculino e feminino no que se refere aos esportes, evidenciando que podem ser praticados tanto por garotos, quanto por garotas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011) compartilhando das mesmas experiências de forma equitativa.

⁷ Jesus e Devide (2006, p. 129) apontam que a co-educação é “uma prática na qual os alunos e alunas tendem a estar juntos participando das atividades propostas na aula, quando podem ser problematizadas as questões de gênero inerentes às atividades.”

Mediante as discussões propostas e o jogo propriamente dito, observamos a colaboração entre os/as estudantes, sendo que uns/umas ajudavam os/as outros/as para o jogo fluir da melhor forma. A partir dessa oportunidade, as garotas que possuíam escassas habilidades motoras, já estavam conseguindo jogar melhor o futsal, conforme o registro abaixo:

O ponto mais interessante durante o jogo foi que estavam todos/as se ajudando e dando dicas, principalmente, os dois garotos mais habilidosos que, mesmo separados, ensinavam as garotas a darem um bom passe e dominar a bola. Em um determinado tempo de jogo, as garotas estavam dominando a bola, olhando para o jogo e fazendo tabelas de passe, claro que de uma forma ainda iniciante, pois recém estavam tendo a oportunidade de aprender e participar ativamente de um jogo de futsal. (DIÁRIO DE CAMPO, 23/08//2017, TURMA 2)

Na direção dessas ideias, para uma sociedade, sobretudo, para uma educação que imploda com os estereótipos de gênero, é necessário que meninos/garotos/homens possam incorporar atributos, considerados femininos, como a afetividade, sensibilidade, responsabilidade, solidariedade, entre outros, para configurar novas relações, novos espaços, novas atividades (SARAIVA, 2005), tal como aconteceu com o processo de desconstrução dos estereótipos, como visto nas fontes de pesquisa, em que os garotos se sensibilizaram com as construções estereotipadas que, além de discutidas, foram experienciadas. Com isso, salientamos que as formas de desconstrução dos estereótipos de gênero para a busca da equidade, configura-se como um agir educativo necessário para que garotas e garotos possam ampliar suas experiências e construir relações mais equitativas. Nesse sentido, atingimos os objetivos propostos pelo material da ONU Mulheres⁸, visto que os garotos se mostraram engajados nos debates e receptivos à percepção da necessidade de mudarem seus comportamentos e atitudes em relação às garotas.

Considerações finais

As fontes de pesquisa apontam que as percepções dos alunos e das alunas acerca dos estereótipos de gênero no esporte indicam que as noções pré-existentes que ancoram as afirmações presentes no questionário não reverberam mais com tanta força entre os/as estudantes. Para exemplificar, apontamos as afirmações do questionário as quais enunciam que “as mulheres que praticam esportes têm a musculatura da perna muito desenvolvida, prejudicando seu corpo e sua feminilidade” e “a dificuldade de aprendizagem do futebol pelas meninas e mulheres é resultante do nível inferior de desenvolvimento das habilidades

⁸ O endereço eletrônico do material já está disponibilizado na seção “Caminhos metodológicos” do presente trabalho.

requisitadas para a prática desse esporte”. Nas discussões emergiram com maior força percepções que negam ou no mínimo desconfiam das limitações impostas às mulheres no esporte em função do seu corpo. Todavia, constatamos desencontros entre a implosão dos estereótipos de gênero no esporte e a baixa participação das garotas e de alguns garotos, tanto nas aulas de Educação Física quanto no jogo de futsal, proposto nas oficinas pedagógicas. A baixa adesão encontra ressonância na justificativa que aponta as habilidades motoras pouco desenvolvidas das estudantes como causa da escassa participação. Também, nas aulas de Educação Física muitas garotas não se envolvem nos conteúdos de aula e é preciso sublinhar que alguns garotos, embora poucos, escolhem se ausentar da ação pedagógica. Conhecer o que produz esse afastamento desponta como uma questão central no que diz respeito às diferentes habilidades motoras entre estudantes. E mais, construir estratégias que possam tornar as aprendizagens mais equitativas, possivelmente seja o grande desafio.

Ao mesmo tempo, não é possível deslocar para a zona de sombra os efeitos que a cultura androcêntrica produz nos desejos e nas práticas corporais e esportivas vivenciadas, desde a mais tenra infância, pelas meninas. Notamos nas discussões, que os atributos considerados masculinos, como a violência, a virilidade, a competição e o contato físico, operam de modo a reafirmar a masculinidade referente nas aulas de Educação Física. E essa ainda é uma questão que foi pouco tematizada no contexto escolar.

Neste estudo, ficou evidente que a problematização dos estereótipos de gênero no campo esportivo e nas aulas de Educação Física é imperativo. Diferentes maneiras para desconstruí-los foram apontadas, tais como: discussões, debates, rodas de conversa, auxílio aos/as colegas que tem dificuldades, utilização de jogos mistos. As fontes de pesquisa mostraram, ainda, que os garotos se sensibilizaram com os estereótipos de gênero, principalmente, aqueles atribuídos às garotas, indicando que a sensibilidade precisa ser educada e, sobretudo, os estereótipos submetidos ao escrutínio.

Em síntese, o/a professor/a é responsável pelo modo como conduz e em que condições acontece a ação pedagógica e, portanto, os conteúdos, as estratégias, as metodologias e os materiais utilizados em aula devem atender as singularidades dos/as estudantes para que a educação seja equitativa. Uma educação equitativa exige que os estereótipos sejam implodidos e requer professores/as atentos/as ao que seus alunos e suas alunas aprendem e como aprendem. Afinal, educar é muito mais do que ensinar um gesto técnico em uma modalidade esportiva. Educar é um ato político.

Referências bibliográficas

ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, maio. 2006.

ALTMANN, H. **Educação Física Escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na Prática Docente em Educação Física: “Meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 491-501, maio/ago. 2011.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

ANDRES, de S.; JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFSM). **Revista da Educação Física/UEM**, v. 2, n. 2, Maringá, abr/jun, p. 167- 179, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.23016>>.

ANDRÉS, Ó. del C. et al. Gender equity in physical education: The use of language. **Motriz**, Rio Claro, v. 20, n. 3, p. 239-248, set. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1980-65742014000300001>>.

ANGROSINO, M. **Etnografia e a observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BACCEGA, M. O estereótipo e as diversidades. **Revista de Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 13, p. 07-14, 1998.

BARBOSA, J. P. **Aulas de educação física no ensino médio mistas e separadas por sexo**: quais as implicações no comportamento e aproveitamento dos alunos de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre. 2012. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70290/000875878.pdf?sequence=1>>.

CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L., MOURÃO, L. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abr./jun. 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. **Construção da Identidade de Gênero na Educação Física Escolar**. Rio Claro: Motriz, jan./mar. 2009. v. 15, n. 1, p. 116-131.

DAALEN, C. V. Girls Experiencies in Physical Education: Competition, Evaluation and Degradation. **The Journal Of School Nursing**, Thousand Oaks, v. 21, n. 2, p. 115-121, abr.

2005. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/10598405050210020901>.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. In: KNIJNIK, J. D. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 344.

FREITAS, L. L. de. Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da Educação Física. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, 2004, Caxambu. **Anais 27ª Reunião Anual da Anped**. Rio de Janeiro: Anped, 2004. p. 1-14. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/genero-e-futebol-feminino-preconceitos-mitos-e-sexismo-na-pratica-discursiva-de>.

GAION, P. A.; VIEIRA, L. F.; SILVA, C. M. L. da. Síndrome pré-menstrual e percepção de impacto no desempenho esportivo de atletas brasileiras de futsal. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 73-80, jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/viewFile/1980-0037.2009v11n1p73/7910>.

GALLAHUE, D. L. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Porto Alegre: AMGH, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Chicago: Aldine, 2006.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar A Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, jun. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101>.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

GOMES, P. B.; SILVA, P. QUEIRÓS, P. **Equidade na educação: Educação Física e Desporto na Escola**. Porto/PT: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto, 2000.

JACO, J. F. **Educação física escolar e gênero: diferentes maneiras de participar das aulas**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Unicamp, Campinas, 2012.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 955-976, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2011000300016>.

JAEGER, A. A. Relações de gênero e a medida do músculo no esporte. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Org.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 267-289.

JESUS, M. L. de; DEVIDE, F. P. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2912.%20Acesso%20em%2005/OUT/201>>.

LAZZAROTTI FILHO, A. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física, **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar. 2010.

LE BRETON, D. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LYSARDO-DIAS, D. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockholm Review of Latin America Studies**, v. 2, p. 25-35, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PIRES, G. de L.; LAZZAROTTI FILHO, A.; LISBÔA, M. M. Educação Física, mídia e tecnologias: incursões, pesquisa e perspectivas. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 55-79, jan./jun. 2012.

PUGA, V. L. Violência de gênero/Intolerância. In: COLLING, A.M.; TEDESCHI, L. A. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, 2015.

PUPO, K. R. **Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero**. 2007. 242 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia da Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 167-178, set./dez. 2005.

RODRIGUES, C. Derrida, Jacques (desconstrução, différance). In: COLLING, A.M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, 2015.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005. 200 p.

SARDENBERG, B. C. M. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 314-344, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16215>>.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUSA, E. S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, Ano XIX, v. 48, p. 52-68, 1999.

SOUZA, R. F. de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, jan/abr, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v25n1/1806-9584-ref-25-01-00009.pdf>

STOCKER, P. C; DALMASO, S. C. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 679-690, dez. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>>.

TEIXEIRA, F. A. Educação Física escolar: reflexões sobre as aulas de exclusão. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32/33, p. 335-343, jun/dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p335>>.

UCHOGA, L. A. R. **Educação Física escolar e relações de gênero: Risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos.** 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275038/1/Uchoga_LianeAparecidaRovera_n_M.pdf>.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VENTURINI, I. V. **Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade.** 2016. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física - Bacharelado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

WENETZ, I. Bonecas e barbies no contexto escolar: feminilidades em pauta?. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgas). **Educação Física e Gênero: Desafios Educacionais.** Ijuí: Unijuí, 2013. p. 368.